

DUAS PEÇAS DE  
PRISTA MONTEIRO

o colete de xadrez  
folgado do rei coxo

arcãdia





coleção teatro / arcádia

GUEM MOVE AS ARVORES

Francis Hesse País Ilustrado

FOLGUEDO DO REI COXO

O TEATRO TRATADO

Váscos de Menezes

O FIO

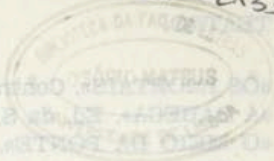
Prata Monteiro

O COLTE DE XADRES

FOLGUEDO DO REI COXO

Prata Monteiro

133214



Duas Peças

De

Prista Monteiro

O COLETE DE XADREZ

e

FOLGUEDO DO REI COXO

# O COLETE DE XADREZ

(3 ACTOS)

DO APTER...

TEATRO

AS TRISTEZA... 1978

A BANCA... 1978

O MUNDO DA FORTUNA... 1978

OS ANTIPTEROS... 1978

AS BENDITAS... 1978

OS CANDIDATOS... 1978

OS PADRES... 1978

## O COLETE DE XADREZ

(Tradução de S. E. C. — 1978)

Prista Monteiro, Editora Arcádia, S. Paulo, 1983

AS CAIXAS... 1978

(1.ª edição de Teatro de S. E. C. — 1978)

O MUNDO... 1978

(1.ª edição de Teatro de S. E. C. — 1978)

FOLGUEDO DO REI COXO... 1978

(Tradução de S. E. C. — 1978)

O COLETE DE XADREZ... 1978

NATURALMENTE SEMPRE... 1978

---

### TÍTULO

O Colete de Xadrez — Folguedo do Rei Coxo

---

### COLEÇÃO

Teatro/Arcádia

---

### CAPA E PLANO GRÁFICO

António Pedro de Carvalho

---

© Prista Monteiro

---

1.ª edição — Setembro de 1983

---

Edição n.º 825

---

Esta edição, de que se tiraram 1000 exemplares,  
foi composta e impressa por Santelmo  
e acabada nas Oficinas Gráficas da Editora Arcádia

---

## PERSONAGENS

O Sr. João

Mariana

1.º guarda

2.º guarda

3.º guarda

4.º guarda

5.º guarda

6.º guarda

Administrativo em projecção

Camel da colónia alenteja

Camel da colónia javana

Colónia alenteja da aldeia

Outra colónia

Uma mulher

Teresa

A mãe de Teresa

O pai de Teresa

Uma empregada

Outra empregada

João

LISBOA

Verão — 1963

## PERSONAGENS

O 1.º Jorge

Mariana

1.º garoto

2.º garoto

3.º garoto

4.º garoto

5.º garoto

6.º garoto

} Admissível em projecção

Casal de colegas idosos

Casal de colegas jovens

Colega amigo de infância

Outro colega

Um contínuo

Teresa

A mãe de Teresa

O pai de Teresa

Uma empregada

Outra empregada

Jorge



## I Quadro

*A cena deverá revelar um ambiente de tensão.*

*A luz será escolhida para fortalecer este efeito.*

*Sala de estar duma família da classe média. Um sofá já velho obliquamente disposto, a uma ponta do qual e à luz de um candeeiro de pé alto em madeira e também sem graça, costura a dona da casa. A seus pés um cesto com roupa, camisas, lenços etc., que ela vai cosendo. Do outro lado da cena pequena secretária onde o marido, modesto professor de francês, envergando um casaco de pijama, revê saturado os pontos dos seus alunos. Marido e mulher aparentam ter cerca de 35 anos. Ao fundo por uma janela aberta entram todos os ruídos da rua e a certa altura, mesmo os de uma discussão que vem de uma casa vizinha.*

O tom da querela vai aumentando até se ouvirem gritos. O casal continua calado a trabalhar mas o marido a cada ruído mais forte interrompe-se nervosamente. Olha expectante para a mulher que parece não dar nem pela cena exterior nem pela perturbação do marido e depois esforça-se, sem êxito, por se embrenhar no seu trabalho. O barulho da casa ao lado, em crescendo, aumenta daí a pouco. Ouve-se partir qualquer coisa e o homem, tenso, deixa cair o lápis com que corrige os exercícios. Há uma falsa calma nos sons vindos da janela para logo após se ouvir o choque dum corpo seguido de soluços de mulher. Jorge, o dono da casa, levanta-se como que impellido e de novo olha a mulher que, indiferente, continua sem prestar atenção à agitação do marido. Este resolve dar um passeio pela sala até que é êle quem provoca o diálogo.

JORGE — Outra vez!... Estes... qualquer dia... Já não vão longe, não!. (A mulher continua calada mas acelera o seu trabalho de costura. O homem senta-se outra vez e procura recomeçar o trabalho com visível esforço. Ouve-se bater violentamente uma porta. Jorge suspende-se de novo e depois, mais descontraído, começa a arrumar os cadernos e os lápis que tem diante de si. Levanta-se, dá mais uns passos e por fim sai rapidamente como a quem ocorreu algo. A mulher fica só e não pára de trabalhar.

*Momentos depois o marido reaparece trazendo na mão uma gaiola vazia. É evidente o seu desapontamento. De início não há revolta mas apenas censura).* Mais um, não é? O costume! A falta de senso... Deixaste a porta aberta... e pronto! No máximo, o que consigo... é uma semana. Uma semana! Às vezes nem isso. E logo este, Mariana!

*MARIANA (Áspera)* — E como de costume estás a falar sem saber. Não foi nada disso, homem!

*JORGE* — Ah não? Então diz lá o que foi. Anda, diz!

*MARIANA* — Ora! O canário... Olha, são azares, é o que é.

*JORGE* — Azares? Chamas a isto azares? Sim, isso era se fosse uma vez... Mas cá em casa é o habitual.

*MARIANA (Revoltando-se)* — Habitual? Que queres dizer? Parece que todos os dias acontecem coisas destas.

*JORGE* — Ah! Pois com certeza! (*Começando a exaltar-se*) Como é só todas as semanas, achas isso natural. Pois claro! É espantoso! Espantoso! Como tu encaras... com esse à-vontade... Bem! Enquanto não compreenderes... a falta de equilíbrio... a falta de senso disto tudo... escuso de pensar em ter o meu aviário.

*MARIANA* — (*Também já irritada*) Qual falta de senso, qual carapuça! Desapareceu? Pronto! Compra outro se te apetece.

*JORGE (Espantado)* — Claro! É assim que tu resolves as coisas. E não te impressiona nada que isto aconteça todas as semanas.

MARIANA (*Com estranheza*) — Im-pres-sio-nar? A mim? Não tenho tempo. Tenho aqui estes trapos todos.

JORGE (*Revoltado*) — Impressionar sim, impressionar! Tu... achas natural, claro!

MARIANA (*Cada vez mais áspera*) — E porque não? Onde está o fenómeno? Onde é que está a desgraça? E se tiveres que comprar um todas as semanas? Sim, que é que acontece? Sai-te caro? Acaba com a mania!

JORGE (*Perplexo*) — O quê? Que estás a dizer? (*Muito agitado*) É extraordinário! Extraordinário! (*Pausa. Depois mais calmo. Lamentando-se como se procurasse entender*) E se ao menos... se ao menos não estivesse prevenida... se eu não estivesse sempre a avisar, sempre! Mas tenho! Não tenho? Não achas que tenho avisado? Sim! Mas assim... É de mais! Isto... isto só de propósito!

MARIANA — De propósito? Cala-te homem. Estás para aí a dizer um chorrinho de asneiras.

JORGE (*Furioso*) Asneiras? Hem? Então eu é que digo asneiras? E tu? Tu! É assim que defendes as tuas, não é? (*Pausa. Continua o seu passeio pela sala*) Eu... só pretendo ajudar-te, corrigir-te... Tu... Olha, com este, é já o quinto desta espécie... e é claro, eu é que digo asneiras. Irra! É de mais! (*Nova pausa*) É impossível! Não pode ser! Eu tenho tentado. Eu tenho-me esforçado... hum de todas as maneiras! (*Pausa*) Porque enfim... Bem! Enfim!... sei lá! (*Pausa*) Mas não! Não consigo! Mais uma vez!... (*Pausa. Encolhe os ombros desanimado e deixa-se cair*)

no sofá). Falta qualquer coisa... qualquer coisa... comigo, errada!

MARIANA (*Interrompendo-o com certo desprezo*) — Falta, falta! Falta-me paciência para aturar os teus disparates.

JORGE (*Com amargura*) — Hem! O quê? Com certeza! Tu... és uma descuidada e eu é que faço disparates. Ouve Mariana. Francamente, não terás ao menos um bocadinho de bom senso? Não?

MARIANA (*Falando sempre depressa como quem quer arrumar a conversa ao contrário do marido que pretende explorá-la*) Disparates sim. Disparates. Falas, falas, falas... És só tu! Depois, pronto! Asneiras, ofensas... Cala-te homem. O pássaro não fugiu. Morreu! Ouviste? Morreu!

JORGE (*Insistindo*) — Morreu!? Mas... mas morreu como? Ainda esta manhã...

MARIANA — Morreu, já disse. Lá como foi não sei. Morreu. (*Pausa*) Estava bem, realmente... Depois, dei-lhe a alpista que tu mandaste e daí a pouco fui dar com êle já mono, caído... Ora! Não durou nem mais cinco minutos. Morreu. Sei lá! De indigestão, ou qualquer outra coisa!

JORGE (*Espantado*) Indigestão!? Indigestão!?

MARIANA (*Impaciente. Gritando quase*) — Sei lá! Dalguma coisa foi. Que me interessa agora saber de que morreu! Aconteceu, não aconteceu? Pronto!

JORGE (*Insiste curioso*) — Mas... como foi isso? Conta lá. Logo após a alpista? (*Pausa*) Ná! Não foi indigestão. Estes bichos, desta raça, nunca comem de mais.

MARIANA (*Impaciente*) Bem!!

JORGE — Ouve! Ouve lá! Que foi que lhe deste?

MARIANA (*Saturada*) — Irra! Alpista! Já disse mais duma dúzia de vezes.

JORGE (*Desesperado*) — Mas... ouve lá. Responde-me. Não te terias enganado? Foi mesmo alpista?

MARIANA — Ora esta!

JORGE — Onde é que isso está?

MARIANA (*Esforçando-se por parecer paciente*) — Na lata! Em cima do armário!

JORGE — (*Sai e volta logo a seguir trazendo uma lata na mão*) Que é isto?

MARIANA (*Agressiva*) — Não vês que é alpista?

JORGE (*Tomando um punhado de dentro da lata. Depois desgostoso*) — Alpista, hem!? Foi isto que lhe deste?

MARIANA — Pois claro.

JORGE — Vêem! E é assim! Tanta segurança, tanta basófia e afinal tu é que o mataste. Vais dar mostarda ao pobre do pássaro.

MARIANA — Mos-tar-da!?

JORGE — Sim mostarda. Olha, vê!

MARIANA (*Dá uma olhadela rápida e depois alheando-se*) — Bem! Eu cá não sei. Julgava que era isso.

JORGE — Julgavas!? Julgavas que era isto? Então tu nunca viste mostarda?

MARIANA (*Provocante*) Não, não vi! Ou se vi não me lembro. E depois?

JORGE (*Desesperado*) — É extraordinário! E que pode ser isto senão maldade? Contudo tu

não és má! Não, realmente não és! Então que poderá ser isto? (*De súbito quase gritando*) Não, não, não! Eu... eu também, não sou doido! (*Com ansiedade*) Ouve! Não te lembras? Queres convencer-me que não sabias distinguir uma coisa da outra? Isto é que tu és, hem!

MARIANA — Lá vens tu com as tuas lógicas. E porque é que não há-de ser assim, homem!? Porquê?

JORGE — Sempre és muito desleal!

MARIANA — Claro! Para ti é desleal tudo quanto não for aquilo com que contas.

JORGE (*Pesaroso mas conciliador*) — É de mais!... Porque não tens estas coisas nos seus lugares? Quantas vezes te tenho dito... Arranjei eu uma lata... para cada coisa... com rótulos e tudo. Claro! Assim... confusões, desculpas tolas e pronto!...

MARIANA — Ora! Tinha que acontecer!...

JORGE — Ah! Não vale a pena fazer nada bem feito, não é? Se tiver que acontecer...

MARIANA — É. É mais ou menos assim. E isso é que te desorienta. De resto... como não foi de propósito, pois não?...

JORGE (*Espantado*) — ... e como não foi de propósito!...

MARIANA (*Cada vez mais irritada*) — Oh homem! Mas então que queres tu que eu faça? Diz. (*Depois mais calma*) Naturalmente o bicho já não estava bem!

JORGE — (*Excitado*) Ah não! Isso não! Ao menos lealdade... hem! Erraste, erraste. Pronto! Mas reconhece...

MARIANA — Reconheço o quê? Que fui eu que matei o pássaro?